





A Ben Biber e Bill Butler



ÍNDICE

CONTO: A CANÇÃO DA ESPADA NEGRA

1.
OCORRÊNCIA INSÓLITA NO
CAMINHO PARA XANARDWYS

2.
DILEMA ENCONTRADO
EM XANARDWYS

3.
CAMINHANDO ENTRE
OS MUNDOS

LIVRO PRIMEIRO

RUMO AO FUTURO



LIVRO SEGUNDO

RUMO AO PRESENTE



LIVRO TERCEIRO

RUMO AO PASSADO



*Vem, Mefistófeles, voltemos a discutir,
E argumentar a divina Astrologia.
Diz-me: há muitos Céus sobre a Lua?
São os corpos celestes um só globo,
Tal qual a substância desta terra cêntrica?*

— Christopher Marlowe
A Trágica História do Doutor Fausto

1
OCORRÊNCIA INSÓLITA NO CAMINHO
PARA XANARDWYS

O cavaleiro era magro, quase estiolado, mas subtilmente musculoso. As suas feições ascéticas eram delicadas, a pele, branca como o leite. Nas cavidades fundas daquele rosto famélico ardiam melancólicos olhos vermelhos, como flores infernais. Uma vez por outra, voltava-se na sela para olhar para trás.

Com uma tribo de hermafroditas alofianos no seu encalço, galopava em direcção ao oriente pela Estepe de Dakwinski, esperando alcançar a mítica Xanardwys antes que as neves obstruíssem o desfiladeiro.

A sua égua prateada, a mais destemida das bastãs, tinha sido criada para aquele terreno e agarrava-se tanto à vida quanto o enfermiço albino, que precisava de se sustentar com drogas ou com a vitalidade dos companheiros.

Aconchegando-se na negra capa de pele de foca, o homem opôs-se aos elementos. Chamava-se Elric e era príncipe no seu país, último de uma extensa linhagem e sem sucessão legítima, pária em quase todo o lado num mundo que aprendera a odiar e ressentir-se com os da sua estranha espécie, ao mesmo tempo que declinava o poder de Melniboné e crescia a força dos Reinos Jovens. Não se preocupava muito com a própria segurança, mas estava determinado a viver, para regressar ao seu reino insular e reconciliar-se com a doce prima Cymoril, que desposaria mais tarde. Era esta ambição apenas que o impelia pela tempestade de neve.

Agarrando-se às crinas da égua enquanto o robusto animal prosseguia contra os vendavais cada vez mais intensos que ameaçavam enterrar o mundo em neve, os sentidos de Elric ficaram tão entorpecidos quanto o corpo. A égua avançava devagar pelas serranias, mantendo-se em terreno elevado, afastando-se sempre do sol da tarde. À noite, Elric cavava para ambos um buraco na neve e embrulhava-se em lonas forradas. Transportava o equipamento dos kardiks, a quem pertenciam aqueles terrenos de caça.

Elric já não sonhava. Quase não tinha pensamento consciente. Ainda assim, a égua avançava a passo firme em direcção a Xanardwys, onde as termas traziam o Verão eterno e rosas escarlates desabrochavam apesar da neve.

Ao entardecer do quinto dia de viagem, Elric notou um frio mais intenso no ar. Muito embora o grande disco carmim do sol-posto projectasse grandes sombras na paisagem branca, a luz não penetrava longe. Elric teve a impressão de ver uma vasta muralha de gelo elevar-se adiante, como os lados de uma gigantesca fortaleza sobrenatural. Tinha um tanto de insubstancial. Talvez tivesse descoberto uma das monumentais miragens que, segundo os kardiks, prenunciavam a morte inevitável da testemunha.

Elric enfrentara já outras mortes inevitáveis e não recebeu aquela, mas a curiosidade despertou-o da semiletargia em que tinha caído. Ao aproximarem-se do gelo altaneiro, viu-se e à égua num reflexo perfeito. Forçou um sorriso, chocado com a própria magreza. Parecia o dobro da idade e sentia-se cem vezes mais velho. Os encontros com o sobrenatural tinham por hábito enfraquecer-lhe o espírito, como outros que encontrara poderiam prontamente atestar...

O reflexo cresceu a ritmo constante até que, sem aviso, Elric foi por ele tragado—de súbito unido com a própria imagem! Deu então por si a cavalgar através de um pequeno vale pacato e verdejante que, esperou sinceramente, fosse o Vale de Xanardwys. Olhou para trás e viu uma nuvem azul rolar encosta abaixo e desaparecer. Talvez o efeito especular tivesse algo a ver com o clima bizarro da região? Ficou profundamente aliviado ao constatar que Xanardwys—ou, no mínimo, o vale—se revelava uma lenda um tanto ou quanto substancial. Pôs de parte todas as dúvidas relacionadas com o fenómeno que ali o trouxera e prosseguiu, bem-disposto. Por todo o lado se viam os sinais da Primavera—o ar quente e perfumado, as flores silvestres de cores vivas, as árvores e arbustos em botão, a erva viçosa—e Elric espantou-se com o maravilhoso paradoxo geográfico que, segundo as histórias que escutara, teria salvo inúmeros fugitivos e viajantes. Logo chegaria aos pináculos de marfim e telhados de ébano da cidade, onde poderia enfim descansar, comprar mantimentos, procurar albergue e prosseguir então para Elwher, que se achava para lá de todos os mapas do mundo.

O vale era estreito com vertentes íngremes, como um túnel, com as raízes e os ramos das árvores verdes-escuras entrelaçando-se ao alto na terra macia. Elric experimentou uma agradável sensação de segurança e respirou fundo, saboreando a doce fecundidade que o rodeava. Encontrar aquela abundância natural depois do gelo inclemente enchia-o de vitalidade e esperança renovadas. Até a égua desenvolvera um trote mais animado.

No entanto, quando, ao cabo de uma ou duas horas, as vertentes se tornaram mais íngremes e apertadas, o príncipe albino começou a ter dúvidas. Nunca tinha encontrado um fenómeno natural daqueles e começava até a crer que toda aquela deslumbrante riqueza primaveril podia, afinal de contas, ter uma origem sobrenatural. Mas, naquele instante, enquanto contemplava arrear caminho e dar ouvidos à prudência que tinha por hábito ignorar, as encostas do vale começaram a cair na ondulação de montes mais suaves, alargando-se para revelar ao longe os contornos enevoados do que só podia ser Xanardwys.

Depois de uma pausa para beber água de um regato cintilante, Elric e a égua prosseguiram. Atravessavam agora uma vasta extensão coberta de erva, flanqueada por montanhas distantes e pontilhada de árvores, prados floridos, lagos e rios. Aos poucos, aproximaram-se da tranquilidade doméstica dos telhados rurais de Xanardwys.

Elric soltou um suspiro profundo e satisfeito.

Um rugido enorme explodiu subitamente nos ouvidos de Elric, que cegou quando um novo sol ascendeu, veloz, o céu do poente, gritando e vagindo como uma alma fugida do Inferno, com uma aura pulsante de chamas multicolores. O som converteu-se então num acorde único, profundo e sonoro, que enfraqueceu aos poucos.

A égua de Elric encontrava-se hipnotizada, como que transformada em gelo. O albino apeou-se, praguejando e levantando o braço para proteger os olhos. Os raios de claridade abraçavam quilómetros de paisagem, projectados do globo pulsante e transportando em si grandes formas, negras e retorcidas, que pareciam debater-se e lutar ao mesmo tempo que caíam. O ar enchia-se agora de um barulho absolutamente horripilante, como o bater de milhões de monstruosas asas. Soaram trombetas, as vozes brônzeas de um exército, anun-

ciando um som ainda mais horrível—o lamento desesperado de todas as almas de um mundo expressando a sua agonia, os gritos enfraquecidos e moribundos de guerreiros nos últimos e penosos estádios da batalha.

Perscrutando a vivacidade agitada daquela poderosa luz, Elric sentiu formas pesadas, musculosas e gigantescas, com um cheiro doce, bestial e quase avassalador, cair com grandes ruídos surdos, fazendo o chão tremer com tal força que todo o terreno ameaçou desabar. Esta chuva de monstros era incessante. Foi graças à mais pura das sortes que Elric não acabou esmagado por um dos corpos em queda. Ficou com a impressão de ter ouvido metal retinir e entrecocar-se, vozes aos gritos, e asas a bater, a bater, a bater, como as asas de uma traça de encontro ao vidro, numa espécie de desespero frenético. Apesar disso, os monstros continuaram a cair do céu, cuja luz se transformava agora, subtilmente, numa mais profunda e estável, até todo o mundo ficar iluminado por um clarão uniforme e escarlate onde se recortavam as silhuetas negras de criaturas voadoras em queda—asas, elmos, armadura, espadas—contorcidas em poses de derrota. O cheiro que predominava recordava agora Elric do Outono e do cheiro adocicado da putrefacção, das riquezas estivais regressando às origens, e, misturado ainda com isto, o fedor de selvagens irados.

Com o suavizar da luz e o esmorecer do grande disco, Elric apercebeu-se de outras cores e pormenores. Só o cheiro ameaçava roubar-lhe os sentidos—o bafo acre e resfolegante de bestas titânicas, ameaçando morte súbita e alarmando cada fibra revitalizada do seu ser. Elric teve um vislumbre de escamas brônzeas, enormes penas prateadas, bocas e olhos de insecto hediondamente belos, maravilhosamente distorcidos, corpos e faces semicristalinos, como Leviatã e afins, surgindo ao cabo de milhões de anos das profundezas do mar que os incrustara com uma miríade de cores e formas assimétricas, que os transformara em monumentos ambulantes de coral, com olhos facetados que fitavam, em angústia cega, um céu pelo qual se precipitavam ainda, com asas batentes, agitadas, recolhidas ou demasiado estropiadas para lhes sustentar o peso, as formas divinas da sua espécie sobrenatural. Com ruidosas fileiras de presas enormes e elocuições cuja profundidade e força bastavam para abalar todo o vale, demolir as torres de Xanardwys, abrir-lhe as muralhas e pôr os seus habitantes em fuga

com sangue negro a irromper de cada orifício, os monstros continuaram a cair.

Só Elric, habituado ao sobrenatural, de corpo e sentidos em sintonia com orquestrações mais adventícias, não sofreu o destino daqueles pobres diabos.

Num raio de quilómetros e quilómetros, à luz que se tornava agora um rosa sanguíneo salpicado de estanho e cobre, a paisagem encontrava-se eivada de titãs caídos: uns de joelhos; outros amparados nas espadas, lanças ou escudos; outros cambaleando às cegas antes de tombarem sobre os cadáveres dos companheiros; outros permanecendo deitados e respirando devagar, repousando com alívio prudente enquanto os olhos percorriam os céus. E, não obstante, os poderosos anjos continuavam a cair.

Elric, apesar de toda a experiência adquirida, de todos os anos de estudos místicos, foi incapaz de imaginar a imensidão da batalha de onde fugiam. O albino, cujo próprio padroeiro do Caos tinha o poder de destruir todos os inimigos mortais, tentou imaginar o poder colectivo daquele exército inumerável, do qual cada vulgar soldado podia ombrear com a aristocracia do Inferno. Isto porque se tratava dos Duques do Caos em pessoa, cada qual senhor de um grupo vasto e complexo. Disso estava Elric certo.

Apercebeu-se de que tinha o coração aos saltos e a respiração ofegante e penosa. Fez por se controlar, convencido de que a simples presença daquele exército batido acabaria por matá-lo. Determinado a, no mínimo, experimentar tudo ao seu alcance antes de ser consumido pelo poder impensado dos monstros, preparava-se para dar um passo em frente quando ouviu uma voz vinda do fundo. Era humana, era sardónica, e tinha uma estranheza subtil na pronúncia, mas usava o idioma-mor da Antiga Melniboné.

— Saiba o senhor que já vi uns quantos milagres nas minhas viagens, mas, céus, deve ter sido a primeira vez que assisti a uma chuva de anjos. O senhor consegue explicá-la? Ou está tão baralhado quanto eu?

O estranho tinha aproximadamente a mesma altura e constituição de Elric, com delicadas feições bronzeadas e olhos azuis-claros, penetrantes como aço. Envergava as vestes largas e folgadas cor de creme de um bárbaro estrangeiro, com um cinto de cabedal castanho e uma bolsa que decerto continha uma arma ou talismã. Usava um chapéu de abas largas da mesma cor da camisa e das calças, e trazia ao ombro direito outra estranha arma, ou talvez um instrumento musical, toda noqueira, latão e aço.

— O senhor reside nestas paragens, ou foi arrastado contra vontade, como eu, através de um maldito vórtice do caos? Sou o Conde Renark von Bek, ultimamente domiciliado na Orla. E o senhor?

— Príncipe Elric de Melniboné. Julgava-me em Xanardwys, mas agora tenho dúvidas. Estou perdido, senhor. Que lhe parece isto?

— Se tivesse de recorrer à mitologia e religião dos meus antepassados, diria que observámos a derrota das Hostes do Caos, dos mesmos arcanjos que se aliaram a Lúcifer para desafiar o poder de Deus. Todos os povos contam histórias dessa guerra entre os anjos, decerto ecos de um acontecimento real. Diz-se. O senhor também viaja no luar, como eu?

— A pergunta não me diz nada. — A atenção de Elric estava focada num dos vários milhares de Senhores do Caos. Jaziam por todo o lado agora, escurecendo os montes e as planícies a perder de vista. Reconhecia suficientes aspectos da criatura para a identificar como Arioch, o Duque do Inferno seu padroeiro.

O Conde von Bek ficou curioso.

— O que vê, Príncipe Elric?

O albino deteve-se, transtornado. Havia ali um mistério que não conseguia compreender—nem queria, com medo. Desejou com cada fibra do seu ser estar noutra lugar, qualquer lugar excepto ali; mas os pés já se mexiam, levando-o pelas fi-

leiras gementes cujos corpos enormes pairavam a grande altura, em busca do seu padroeiro.

— Lorde Arioch? Lorde Arioch?

Uma voz frágil e distante.

— Ah, o mais doce dos meus escravos. Julgava-te morto. Trouxeste-me sustento, querido? Doces para o teu amo?

Não havia como confundir o tom de Lorde Arioch, mas a voz nunca fora tão fraca. Estaria já Lorde Arioch a contemplar a sua própria morte paradoxal?

— Hoje não tenho sangue nem almas para te dar, ó grande duque. — Elric dirigiu-se à enorme figura que jazia, ofegante, numa encosta. — Estou tão fraco quanto tu.

— Nesse caso, não te amo. Desaparece... — A voz tornou-se um mero eco evanescente, ainda que Elric se aproximasse da origem. — Volta para trás, Elric. Volta para onde vieste... Não é altura... Não devias estar aqui... Cuidado... Obedece-me ou... — Mas a ameaça era vã e ambos sabiam-no. Arioch tinha esgotado todas as forças.

— De bom grado te obedeceria, Duque Arioch. — Elric falava com sinceridade. — Pois imagino que nem um especialista em feitiçaria seria capaz de sobreviver por muito tempo num mundo onde tanto Caos reside. Mas, sem saber como, cá cheguei por acaso. Julgava-me em Xanardwys.

Houve um compasso de espera, e uma penosa e ofegante sucessão de palavras.

— Esta... é... Xanardwys... mas não a do teu reino. Aqui... não há... esperança. Volta... volta para... trás. Não... há... esperança... Este é o fim do Tempo... Está frio... tanto... frio... O teu destino... não... é... aqui...

— Lorde Arioch? — A voz de Elric era urgente. — Já te disse... Não sei como regressar.

A enorme cabeça pendeu, contemplando-o com os olhos complexos da mosca, mas não se ouviu um som dos lábios doces e rubros da juventude. A pele do Duque Arioch era como mercúrio, líquida e incerta, percorrendo-lhe o corpo, lançando chispas, auras e explosões súbitas de poeira brilhante e multicolor, espelhando os fogos invisíveis do Inferno. E Elric sabia que se o seu padroeiro se tivesse manifestado em toda a sua glória original, não naquela forma débil, a própria alma de Elric teria sido consumida pela presença do demónio. O Duque Arioch reunia forças para falar outra vez.

— A tua espada... tem... o... poder... de abrir uma porta... para... casa...

A vasta boca abriu-se para aspirar a atmosfera que, fosse ela qual fosse, lhe sustentava o corpo monstruoso. Dentes de prata ressoaram com o ruído de cem mil flechas; a boca vermelha cuspiu um calor e um cheiro suficientes para afastar Elric. Línguas de fogo de cores estranhas precipitaram-se-lhe das narinas. A voz enchia-se de ironia afadigada.

— És-me... muito... precioso, doce Elric... Preciso de todos os meus aliados agora... até dos mortais. Esta batalha... terá de ser... a nossa última... contra... contra o poder... do... Equilíbrio... e os que... a ele... se aliaram... os vis servos da Singularidade... que pretendem reduzir toda a substância do... do multiverso... a uma agonia monótona e coerente de tédio...

O discurso levou-lhe o resto da energia. Um derradeiro suspiro, um gesto penoso.

— Entoa a canção... a canção da espada... cantem juntos... o poder levar-te-á... ao caminho...

— Lorde Arioch, não te percebo. Preciso de saber mais.

Mas os olhos enormes tinham-se apagado e parecia que uma espécie de opérculo se fechara sobre eles. Lorde Arioch dormia, ou desaparecia na morte. E Elric interrogou-se sobre que poder seria aquele, capaz de derrotar um dos grandes Senhores do Caos. Que poder seria aquele, capaz de extinguir a força vital a imortais invulneráveis? Seria o poder do Equilíbrio? Ou simplesmente o poder da Lei—o que os Senhores da Entropia apelidavam de «Singularidade»? Elric tinha apenas um vislumbre dos motivos e ambições dessas forças colossais.

Virou-se para dar com von Bek a seu lado. O homem tinha o rosto carregado e segurava o estranho instrumento com ambas as mãos, como que para se defender.

— Que lhe disse a besta, Príncipe Elric?

Elric tinha conversado numa variante do melnibonês erudito, desenvolvido ao longo dos milénios como modo de comunicação entre mortais e demónios.

— Pouco de concreto. Creio que nos devíamos dirigir ao que resta da cidade. Estes pobres senhores do Inferno parecem não ter interesse nela.

O Conde Renark concordou. A paisagem retumbava ainda com o entrecocar titânico de espada contra escudo e

a queda tonitruante de um corpo com armadura, o chofre de grandes asas e o bafo pestilento. O fedor era inevitável, já que o que expeliam—poeira, vapores, turbilhões de fogo e gases nocivos de toda a descrição—envolia o mundo como uma mortalha. Como ratos correndo entre as patas de elefantes, os dois avançaram aos tropeções por entre sombras, evadindo os movimentos vagarosos e cansados do exército derrotado. Por todo o lado, manifestavam-se os efeitos do Caos. Rochas e árvores vulgares contorciam-se e transformavam-se. Ao alto, o céu era uma cacofonia furiosa de relâmpagos, urros e nuvens agitadas e vivamente coloridas. Sem saber como, alcançaram as muralhas desmoronadas de Xanardwys. Ali já os cadáveres se transformavam, adquirindo em parte a forma daqueles que consigo tinham trazido a catástrofe ao cair pelo multiverso, rasgando o tecido da realidade na descida, estropiados e vencidos.

Elric sabia que em breve aqueles cadáveres seriam reanimados pela energia aleatória do Caos que, embora não bastasse para ajudar os Senhores do Caos, era mais do que suficiente para dar uma aparência de vida a algo que tivesse sido mortal.

Enquanto von Bek e Elric assistiam, viram o corpo de uma rapariga liquefazer-se e depois reformar-se, ainda com o seu quê de humano, mas agora predominantemente uma mistura de ave e símio.

— Onde quer que o Caos surja — disse Elric ao companheiro. — É sempre o mesmo. Esta gente morreu em agonia e agora nem sequer lhes é permitida uma morte digna...

— O senhor é um sentimentalista — disse o Conde Renark com uma ponta de ironia.

— Não sinto nada por esta gente — garantiu-lhe Elric com excessiva prontidão. — Lamento apenas o desperdício. — Passando por cima de cadáveres em metamorfose e arquitectura desmoronada, que também começava a mudar de forma, os dois chegaram a uma pequena estrutura cupular de mármore e cobre, aparentemente intocada pelo resto do Caos.

— Algum templo, sem dúvida — disse von Bek.

— E quase de certeza protegido por feitiços — acrescentou o albino — mas nenhum outro edifício permanece intacto. O melhor é aproximarmo-nos com alguma cautela.

E assentou a mão na espada rúnica, que se agitou e murmurou e pareceu chorar por sangue. Von Bek olhou para a es-

pada de relance e foi percorrido por um arrepio. Indicou então o caminho para o templo. Elric quis saber se aquela não seria uma espécie de entrada para regressar ao seu mundo. Seria daquilo que Arioach tinha falado?

— Estas manifestações do Caos são singularmente desagradáveis — dizia von Bek. — Deve ser, com certeza, o Caos azedado—tudo o que era virtude transformado em vício. Já o observei mais de uma vez—em indivíduos e em civilizações.

— Viajou muito, Conde von Bek?

— Durante muitos anos, foi minha ocupação vaguear, por assim dizer, entre mundos. Participo no Jogo do Tempo. Tal como o senhor, presumo.

— Não participo em jogos. O senhor, que tem experiência, sabe se este edifício indica um caminho para longe deste reino e de regresso ao meu?

— Não devo ser capaz de lhe dizer. Não conheço o reino do senhor, por exemplo.

— Há feitiços a proteger este lugar — disse o albino, e pegou no punho da espada rúnica. Mas Tormentífera emitiu um pequeno som de aviso, como que informando-o de que não seria usada contra aquela estranha magia. O Conde von Bek tinha-se aproximado e inspeccionava as paredes.

— Olhe para isto, Príncipe Elric. Há aqui ciência. Veja. Algo estranho ao Caos, talvez? — Indicou linhas de junção na superfície do edifício e, tirando do bolso uma faquinha de dobrar, raspou-a, revelando metal. — Este sítio sempre teve uma aplicação sobrenatural.

Como se o viajante tivesse activado um mecanismo, a cúpula ao alto começou a rodar, espalhando uma aura azul-clara que os envolveu antes que pudessem bater em retirada. Ficaram imóveis quando uma porta na parte inferior se abriu e uma figura humana os observou. Era uma das criaturas mais bizarras que Elric já tinha visto, com o mesmo estilo de roupa que von Bek, mas com um chapéu pontiagudo, branco e encardido, sobre o cabelo rebelde, barba do queixo por fazer, olhos raiados de sangue mas de uma inteligência sardónica, e um pedaço de raiz (decerto algum talismã tribal) ainda a fumegar ao canto da boca.

— Salve, cavaleiros. Parecem metidos no mesmo bonito serviço que eu. Não vos lembra um bocado Milton? «Que-

rubim e Serafim rolando às tontas de envolta com troféus e inúteis armas?» Paraíso perdido, é facto, caros camaradas nesta adversidade. E imagino que não seja tudo o que estamos pres-tes a perder... Façam favor de entrar.

O excêntrico desconhecido apresentou-se como Capitão Quelch, soldado da fortuna, que estava a meio de uma bem sucedida venda de armamento quando deu por si a cair pelo espaço, acabando no interior do edifício.

— Quer-me parecer que a culpa é deste velho camarada, cavalheiros.

O interior era simples. Estava banhado por uma luz azul que caía do alto e não tinha mobiliário ou vestígios de ritual. Havia um padrão geométrico elementar no chão e janelas coloridas junto ao tecto.

O lugar estava cheio de crianças de todas as idades, reunidas em torno de um velho deitado junto ao centro do templo, sobre os mosaicos.

Estava nitidamente moribundo. Pediu a Elric que se aproximasse. Era como se o próprio, à semelhança dos Senhores do Caos, tivesse sido roubado de toda a sua vitalidade. Elric ajoelhou-se e perguntou-lhe se precisava de alguma coisa, mas o velho abanou a cabeça.

— Uma promessa apenas, senhor. Chamo-me Patrius, Sumo-Sacerdote de Donblas, o Justiceiro. Fui capaz de salvar estes, de toda a população de Xanardwys, porque assistiam à minha aula. Canalicei as propriedades do templo para lançar uma protecção à nossa volta. Mas o esforço de invocar magias tão desesperadas e poderosas matou-me, infelizmente. Tudo o que desejo agora é que leve as crianças para um lugar seguro. Encontre uma saída deste mundo, que depressa acabará numa massa amorfa, a substância primordial do Caos. É inevitável. Não há esperança para este reino, senhor. O Caos devora-nos.

Ao ouvir isto, uma rapariga de pele escura começou a chorar e o velho estendeu a mão para a consolar.

— Chora pelos pais — disse o velho. — Chora pelo que lhes aconteceu e lhes vai acontecer. Todas estas crianças têm o dom da profecia. Leccionei-lhes a natureza do multiverso. Leve-os aos caminhos, senhor. Eles sobrevivem, disso estou certo. É tudo o que precisa de fazer. Leve-os aos caminhos!

Caiu o silêncio. O velho morrera.

Elric murmurou para von Bek:

— Caminhos? Confia-me uma tarefa sem significado para mim.

— Para mim tem, Príncipe Elric. — Von Bek olhava na direcção do Capitão Quelch com cautela. O homem tinha subido uma escadaria de pedra e espreitava pelas janelas na direcção das legiões derrotadas do Inferno. Parecia falar para si num idioma estrangeiro.

— Compreendeu o ancião? Sabe de uma saída deste lugar maldito?

— Sim, Príncipe Elric. Como lhe contei. Sou um iniciado. Um *jugador*. Participo no Jogo do Tempo e percorro os caminhos entre os mundos. Pressinto que o senhor é camarada meu—talvez mais do que isso—e que não tem consciência do seu destino. Não me compete revelar-lhe mais do que o necessário—mas se quiser acompanhar-me no Jogo do Tempo, tornar-se *mukhamir*, só tem que dizer.

— Só me interessa regressar à minha esfera e à mulher que amo — disse Elric com simplicidade. Estendeu os longos dedos da mão branca como osso, onde pulsava um Actorios solitário, e acariciou os cabelos da criança soluçante. Era um gesto que dava ao observador von Bek muita informação acerca do carácter daquele senhor cismático. A rapariga levantou os olhos ansiosos por encorajamento, mas não encontrou esperança na vista rubicunda da criatura estrangeira que a fitava com uma expressão plena de derrota e saudades de uma ambição impossível.

Ainda assim, falou:

— O senhor vai salvar-nos?

— Minha senhora — disse o Príncipe das Ruínas, com um ligeiro sorriso e uma vénia — lamento não estar em condições de me salvar, muito menos um colégio inteiro de aprendizes de vidente, mas tenho interesse em ver-nos a todos livres desta situação. Com isso pode contar. . .

O Capitão Quelch desceu os degraus com uma passada grosseira e gargalhadas fundas, ainda que pouco convincentes.

— Está descansada, menina, não tardará para que estejamos longe daqui.

Mas era para Elric que a rapariga continuava a olhar e foi a Elric que se dirigiu.

— Chamam-me Previdente e Primeira-da-Espécie. O primeiro nome explica o meu talento. O último explica o meu

futuro e é um mistério para mim. O senhor tem como nos salvar. Consigo vê-lo.

— Uma bruxinha! — O Capitão Quelch voltou a rir-se, desta feita numa estranha nota, quase auto-referencial. — Bem, querida. Decerto que estamos salvos, com tanta magia ao nosso dispor!

Elric procurou os olhos da Providente e quase se chocou com a beleza que aí viu. Teve consciência de que fazia parte do seu destino. Mas talvez fosse cedo. Talvez nunca viesse a fazer, caso não fossem capazes de fugir à maldição que se abatera de forma tão implacável sobre Xanardwys. Não corriam perigo imediato dos Senhores do Caos; apenas da influência inconsciente dos demónios, que infundia nefasta vitalidade nas pessoas que tinham matado, transformando-as em imitações grotescas. Com indiferença, e sem o saber, a aristocracia do Inferno destruía o próprio santuário, tal como os mortais, também sem saber, envenenavam os poços com os seus dejectos. Tão brutal comportamento horrorizou Elric e deixou-o desesperado. Afinal de contas, talvez fossem todos joguetes nas mãos de feras loucas e imortais? Feras sem consciência ou motivação.

Mas esta não era altura para introspecções abstractas! Ao mesmo tempo que olhou para trás, Elric viu as paredes do templo começarem a estremecer, perderem substância e reformarem-se então. Mas quem estivesse lá dentro não tinha para onde escapar. Ouviram rancos e uivos do exterior.

As trôpegas criaturas do Caos arranhavam o edifício, com sensibilidades demasiado brutas para serem vencidas pela argumentação, pela ciência ou pela magia. Os cidadãos reanimados de Xanardwys conheciam agora e apenas uma necessidade cega, uma fome horrenda de carne de qualquer espécie. Só assim conseguiriam manter aquele delicado apego à vida e ao que tinham sido. Impelia-os o conhecimento da exterminação total e eterna; almas injustamente condenadas, mero alimento para os Senhores do Inferno.

Há muito tempo, o povo de Elric firmara um pacto com o Caos no auge da sua glória vital, do seu poder e magnífica criatividade. Tinham visto apenas a promessa dourada do Caos, e não a decadência vil em que a ganância e a ambição cega a podiam transformar. Mas quando descobriram o Mal e o casaram ao Caos, a verdadeira imoralidade dos seus actos tornou-se óbvia para todos excepto os próprios. Tinham per-

dido a vontade de ver para lá da própria cultura e convicções, das suas necessidades e sobrevivência brutal. Tal decadência era por demais evidente aos olhos dos Reinos Jovens e de um herdeiro enfermo do Trono de Rubi, Elric; que, ansiando descobrir como se tinha tão grande povo desviado para o incesto cruel e melancólico, deixara a herança ao cuidado do primo; deixara a mulher que amava mais do que a vida na busca de uma resposta às suas questões... Em vez disso, reflectiu, tinha vindo a Xanardwys morrer.

Renark von Bek corria para os degraus com a arma nas mãos. No momento em que alcançou o cimo, uma criatura, abanando as asas encorreadas numa paródia aos Senhores do Caos, irrompeu pela janela. Von Bek encostou a arma ao ombro. Ouviu-se um estampido violento e a criatura gritou, caindo de costas com uma enorme ferida irregular na cabeça.

— Chumbo de anjo — gritou von Bek. — Nos dias que correm, não uso outra coisa.

Quelch pareceu entender e aprovou.

Embora não conseguisse compreender a natureza da arma, Elric ficou grato por a ter, já que agora era a porta do templo que fazia bojo para dentro.

Sentiu um toque no braço. Baixou os olhos e viu a rapariga fitando-o.

— A sua espada tem de cantar — disse ela. — Sei-o. A sua espada tem de cantar—e o senhor tem de cantar com ela. Têm de cantar juntos. É o que nos dará o caminho. — Os olhos dela focavam o infinito. Veria o futuro, como fizera Ariocho, ou seria o passado? Falava com um tom distante. Elric sabia estar na presença de uma grande psíquica natural—mas, ainda assim, as palavras dela pouco sentido faziam.

— Sim—a espada cantará em breve, minha senhora — disse, enquanto lhe acariciava o cabelo, com saudades da juventude, da felicidade e de Cymoril. — Mas receio que não vá estar a favor da música que a Tormentífera toca. — Delicadamente, convenceu-a a ir ter com as crianças para as consolar. O braço direito balançou então como um enorme pêndulo e a manopla da mão direita apoiou-se no punho negro da espada rúnica até que, com um único movimento súbito, a desembainhou e Tormentífera soltou um latido de alegria, como um cão de caça sedento de sangue.

— Estas almas pertencem-me, Lorde Ariocho!

Mas sabia que, ironicamente, estaria a roubar uma porção da vitalidade do seu próprio padroeiro; era o que animava as criaturas do Caos, formando as suas bizarras deformações uma floresta de carne obscena ao comprimirem-se pela entrada do templo. A energia que já tinha destruído o reino dava também um semblante de vida às coisas rastejantes que agora confrontavam Elric e von Bek. O Capitão Quelch, alegando não ter armas, tinha ido para junto das crianças, com os braços levantados numa imitação ridícula de protecção.

— Boa sorte com essa espingarda para elefantes, ó velho — disse ao Conde von Bek, que encostou a arma ao ombro, fez mira com cuidado, apertou o gatilho e, nas suas palavras, «enfio um par de balázios nos chatos». Deu-se uma hedionda explosão de pus e carne mole. Elric afastou-se com enfado quando o companheiro de novo fez mira e de novo afastou as horríveis criaturas para longe da porta.

— Acho por bem avisá-lo, Príncipe Elric, de que só me restam duas ou três destas. Depois é com a velha *Smith and Wesson*, lamento dizê-lo. — E bateu com a mão na bolsa que trazia à cintura.

Mas a arma era necessária noutras partes, uma vez que se ouvia em todas as janelas o chocalhar de escamas e o arranhar de garras, pelo que von Bek se retirou para dar cobertura ao centro enquanto Elric avançou, espada rúnica a gemer de antegoço na mão, pulsando com fogo negro, runas contorcendo-se e saltando no metal profano, uma arma terrível e inteiramente autónoma no punho do manejador, tomada de vida própria, profunda e sinistra, levantando-se e caindo enquanto o príncipe branco avançava sobre as criaturas do Caos e lhes sorvia a força vital. O que lhes restava da alma era directamente canalizado para o corpo deficiente do melnibonês, cujos olhos ardiam de nefasta glória, os lábios se repuxavam numa rosnadela sanguinária, e o corpo era salpicado de alto a baixo com os fluidos imundos dos seus antagonistas pós-humanos.

A espada começou a entoar uma grande endecha triunfante enquanto saciava a sede, e também Elric proferiu os velhos gritos de guerra do seu povo, invocando a aristocracia do Inferno, os seus demónios padroeiros e Lorde Arioch, à medida que os cadáveres deformados se amontoavam cada vez mais à entrada, ao passo que as armas de von Bek faziam estrondos e trovões, defendendo as janelas.

— Estas coisas vão continuar a atacar-nos — gritou von Bek. — Nunca mais param. Temos de fugir. É a nossa única esperança, ou seremos rapidamente dominados.

Elric concordou. Ofegante, apoiou-se na espada, contemplando o seu hediondo serviço, de olhar frio com uma luz mortífera, e o rosto uma máscara marcial.

— Desagradam-me estes massacres — disse. — Mas sei que não há outra coisa a fazer.

— Tem de trazer a espada para o meio — disse uma voz pura e líquida. Era a rapariga, Previdente.

Abandonou o grupo, empurrando um vacilante Capitão Quelch para o lado e estendeu o braço, destemida, para agarrar a espada pulsante cujo estranho metal escorria de sangue corrompido.

— Para o meio.

Von Bek, Capitão Quelch e as outras crianças assistiram, mudos de espanto, à mão da rapariga tocar aquela lâmina terrível, arrastando-a e ao dono pelas alas que foram abrindo caminho até onde jazia o cadáver do velho.

— O centro está debaixo do coração dele — disse a Previdente. — Vai ter de lhe trespassar o coração com a espada. A espada cantará então, e o senhor também.

— Não conheço nenhuma canção de espadas — disse Elric de novo, mas o protesto era ritual. Deu por si a confiar na certeza tranquila da rapariga, nos seus movimentos lesto, na forma como o guiou até ficar praticamente escarranchado sobre o cadáver sereno do mestre feiticeiro.

— Ele é rico no melhor da Lei — disse a Previdente. — E é a substância que irá, por uns instantes, encher a sua espada e obrigá-la a trabalhar para nós, talvez até contra os próprios interesses.

— Conhece bem a minha espada, menina — disse Elric, perplexo.

A rapariga fechou os olhos.

— Sou da espada e contra a espada e o meu nome é Espinho Veloz. — A voz era um cântico, como se outro lhe ocupasse o corpo. Não fazia ideia do significado das palavras que proferia. — Sou pela espada e suplanto a espada. Sou das irmãs. Sou dos Justos. É nosso fado transformar o ébano em prata, buscar a luz, fazer justiça.

Von Bek inclinou-se para a frente. As palavras da Previ-

dente pareciam ter para ele um significado especial, mas ainda assim estava claramente admirado por escutá-las. Passou a mão pelos olhos dela.

Todas as atenções estavam postas nela. Até o rosto de Quelch se quedara sério, enquanto de fora vinha o barulho das criaturas do Caos ao prepararem-se para novo ataque.

A Providente transformou-se então, e o rosto brilhou com uma radiância de ouro e rosa, o cabelo que parecia em chamas projectou feixes de luz prateada, e a pele escura e intensa encheu-se de vida sobrenatural.

— Ataque! — gritou. — Ataque, Príncipe Elric. Ataque o coração, o centro! Ataque agora ou teremos o futuro proibido para sempre!

Ouviram uma tosse gutural vinda da entrada. Aperceberam-se de olhos como pedras preciosas e uma boca vermelha irrequieta, e souberam que um Senhor do Caos perdido, tomando o fardo de sangue e almas, tinha resolvido saboreá-los.

— Ataque! Ó, senhor! Ataque!

A voz da rapariga ecoou, um acorde puro e áureo sobre a cacofonia do Caos, e guiou o ferro carnudo da espada negra em direcção ao coração do velho.

— Ataque, senhor. E cante!

Fez então um movimento com a palma das mãos e a espada rúnica precipitou-se para baixo, precipitou-se coração dentro, precipitou-se através de músculo, osso e tendões pela pedra abaixo e, de súbito, graças àquela alquimia branca, uma chama azul-clara começou a arder no interior da espada, transformando-a gradualmente em peltre e bronze ígneo, e depois em prata brilhante e uniforme.

Von Bek perdeu o fôlego.

— A espada do arcanjo em pessoa!

Mas Elric não teve tempo de perguntar o que queria ele dizer com isso, uma vez que a espada rúnica transformada ardia com cada vez mais intensidade, cegando as crianças que choramingaram e procuraram refúgio, fazendo o Capitão Quelch praguejar e resmungar que corria perigo, enquanto a rapariga desaparecera de súbito, deixando apenas ficar a voz, levantada numa canção de extraordinária beleza e pureza espiritual; uma canção que parecia ecoar do próprio aço; uma canção tão espantosa, falando de tais alegrias e realizações, que Elric sentiu o coração enlevado, não obstante a comprida língua cinzenta do Senhor do Caos já se aproximar, dardejante. Algures do seu íntimo, toda a saudade que conhecera, toda a tristeza e angústia e solidão, todos os sonhos e aspirações, os momentos de intensa felicidade, os amores e os ódios, as afeições e as aversões, todas ganharam voz na mesma música emitida pela garganta, como se todo o seu ser estivesse concentrado naquela só canção. Era uma vitória e um apelo. Era uma comemoração e um suplício. Era nada mais e nada menos do que a Canção de Elric, a canção de um indivíduo solitário num mundo incerto, a canção de um intelecto agitado e uma alma

generosa, o último senhor do seu povo, o cismático príncipe das ruínas, o Lobo Branco de Melniboné.

Acima de tudo, era uma canção de amor, de idealismo saudoso e tristeza desesperada pelo destino do mundo.

A luz prateada brilhou com mais intensidade ainda e, no centro, onde estivera o corpo do velho e onde permanecia a espada, pairava agora um cálice de ouro e prata finamente trabalhados, o rebordo e o pé brasonados de pedras preciosas que também emitiam poderosos raios. Elric, mal conseguindo agarrar a espada com tanta energia branca passando por ele, ouviu o Conde von Bek gritar em reconhecimento. E a visão desapareceu então. E o negrume, fino e sedoso como o capuz de um verdugo, espalhou-se em todas as direções, como se estivessem na origem do Tempo, antes do surgimento da Luz.

Então, enquanto observavam, pareceu-lhes que aranhas teciam intermináveis teias luminosas naquele vazio negro, preenchendo-o de seda argêntea.

Viram formas que surgiam, ligadas pelas teias, enchendo o vácuo, amontoando-se, enriquecendo-o de prodígios e cor, inúmeras esferas grandiosas e caminhos curvando e uma riqueza infinita de experiências.

— Isto — disse Renark von Bek — é o que podemos fazer do Caos. Eis o multiverso; as teias que está a ver são os largos caminhos que passam por entre os reinos. Chamamos-lhes «estradas de luar» e é por aí que as criaturas andam de mundo em mundo e os navios chegam do Segundo Êter, com carregamentos de terrível e requintada mercadoria nunca vista por olhos mortais. Aqui estão os reinos infinitos, todas as possibilidades, o melhor e o pior que podem existir na criação de Deus...

— Muito honra a sua divindade, senhor — disse Elric.

Von Bek fez um gesto gracioso com a mão, como um elegante director de circo.

Formas de toda a espécie floresciam diante dos olhos dele, prolongando-se até ao infinito—cores indescritíveis, chamejantes, radiosas e tremeluzentes, ou baças, frias e distantes—complexas teias de aranha estendendo-se por todas as dimensões, cada uma ligada a outra, reluzente, trémula e delicada, porém contendo os movimentos e carregamentos de inúmeros milhões de reinos.

— Aqui tem as estradas de luar, cavalheiro. — Von Bek

sorria como um símio e saboreava o multiverso vasto, variado e fundamentalmente organizado, sempre fecundo, sempre em reprodução, sempre expandindo os materiais derivados da massa bruta, irracional e imprevisível do Caos, concretizados por poderosas alquimias. Era a derradeira realidade, o fundamento onde todas as outras realidades se baseavam, que a maior parte dos mortais lobrigava em visões apenas, em sonhos, num eco das profundezas do ser. — As teias entre os mundos são os grandes caminhos que percorremos para ir de um reino do multiverso para outro.

Esferas desabrochavam e irrompiam, reformavam-se e voltavam a desabrochar. Imagens meio familiares em turbilhão reproduziam-se repetidamente de todas as formas e em todas as escalas possíveis. Elric viu mundos em forma de árvores, galáxias como flores, sistemas solares que tinham crescido juntos, de ramos e raízes tão emaranhados que se tinham tornado um só planeta irregular; universos que eram oceanos de aço; universos de fogo instável; universos de desolação e fria malevolência; universos de cor pulsante cujos seres atravessavam chamas para adquirir formas benignas e sagradas; universos de deuses, anjos e demónios; universos de tranquilidade vital; universos de vergonha, de indignidade, de humilhação e cortesia contemplativa; universos de Caos em perpétua ebulição, de Lei esgotada e estéril; todos dominados por uma inteligência que os próprios tinham gerado. O multiverso tinha-se tornado dependente, para bem da sua existência, do raciocínio, desejos e medos, coragem e determinação moral dos seus habitantes. Um já não podia existir sem o outro.

Não obstante, podia sentir-se uma presença por detrás de tudo isto: a presença que tinha na mão a balança da justiça, o Equilíbrio Cósmico, sempre a pender para um lado ou para o outro, no sentido da Lei ou no sentido do Caos, e sempre estabilizado pelas contendas de mortais e dos seus correspondentes sobrenaturais, os seus irmãos e irmãs que, invisíveis e ignotos, ocupam todos os misteriosos reinos do multiverso.

— Já ouviram falar de uma Guilda de Iniciados autodenominada «Os Justos»? — perguntou von Bek, imóvel como a pedra e absorvendo aquela visão familiar, aquela constituição infinita, da mesma forma que outro se ajoelharia no solo da terra natal. Dado que os companheiros não responderam,

continuou: — Pois bem, meus amigos, sou um deles. Treinei em Alexandria e Marraquexe. Aprendi a caminhar entre os reinos. Aprendi a jogar o *Zeitjuego*, o Jogo do Tempo. Embora grato ao senhor pelo feitiço, convém que saiba que a sua arte se serve inconscientemente de tudo isto. É possível levar a cabo certos rituais, descrever certas aberturas pelas quais podemos invocar ajuda de outros reinos. Define estes aliados em termos de superstições pouco sofisticadas e até primitivas. O senhor, com toda a sua sabedoria e experiência, faz pouco mais. Mas se vier comigo e participar no grande Jogo do Tempo, então mostrar-lhe-ei todas as maravilhas do multiverso. Ensiná-lo-ei a explorá-lo, manipulá-lo e recordá-lo—porque, sem preparação, sem os longos anos em que se aprende o ofício do *mukhamir*, o intelecto mortal não pode apreender nem conter tudo aquilo que testemunha.

— Tenho que fazer no meu próprio reino — disse-lhe Elric. — Tenho responsabilidades e obrigações.

— Respeito a sua decisão, cavalheiro — disse von Bek com uma vénia — ainda que a lamente. Teria dado um nobre participante no Jogo. Contudo, ainda que inconscientemente, penso que sempre o jogou e continuará a jogar.

— Pois bem, senhor — disse Elric. — Acredito que tenha intenção de me honrar e agradeço-lhe por isso. Agora, ficaria grato se me indicasse o caminho certo para casa.

— Levarei o senhor até lá em pessoa. É o mínimo que posso fazer.

Elric, tal como previra von Bek, não se iria recordar dos pormenores da viagem entre os reinos. Acabaria por não parecer mais do que um sonho vago, mas agora tinha a impressão de proliferação constante, dos mundos natural e sobrenatural misturando-se e tornando-se um só todo. Seres monstruosos vagueavam, em busca de caça, nos espaços vazios que os próprios tinham criado. Nações, raças e mundos inteiros conheceram as suas Histórias no tempo que levou Elric a dar um passo nas estradas prateadas de luar, naquela delicada e complexa filigrana de caminhos. Formas cresceram e apodreceram, transferiram-se e transformaram-se, tornando-se, ao mesmo tempo, profundamente familiares e perturbadoramente estranhas. Elric teve consciência de se cruzar com outros viajantes nos caminhos prateados; teve consciência de sociedades complexas e criaturas improváveis, de comunicar com algumas delas.

Caminhando com passadas firmes e determinadas, von Bek conduziu o albino.

— O tempo não se mede como o senhor o mediria — explicou o guia. — Na verdade, quase nunca se mede. É raro ser necessário quando se anda entre os mundos.

— Mas o que é este—este multiverso? — Elric abanou a cabeça. — É de mais para mim, cavalheiro. Duvido que o meu cérebro tenha treino suficiente para o aceitar na íntegra!

— Posso ajudá-lo. Posso levá-lo ao *medersim* de Alexandria ou do Cairo, de Marraquexe e Malador, para aí aprender as artes do iniciado, aprender todas as jogadas do grande Jogo do Tempo.

O albino voltou a abanar a cabeça.

Com um encolher de ombros, von Bek voltou as atenções para as crianças.

— Mas que vamos nós fazer com estes?

— Estão bem entregues comigo, meu velho. — O Capitão Quelch falava de trás delas. Só o piso do templo restava, suspenso no espaço, com as crianças nele reunidas. No seu centro encontrava-se agora a Previdente, de braços abertos num gesto protector. — Já encontramos um portozinho de abrigo, meus queridos.

— Tem algum poder sobre tudo isto, Conde Renark? — perguntou Elric.

— Está ao alcance de todos os mortais manipular o multiverso, criar realidades, fazer justiça e ordem da matéria-prima do Caos. Mas sem Caos não haveria Criação, nem quiçá um Criador. É a simples verdade de toda a existência, Lorde Elric. A promessa de imortalidade. É possível afectar o destino de uma pessoa. É a esperança que o Caos nos oferece. — À cautela, Von Bek ficou atento ao Capitão Quelch, que parecia melindrado.

— Se o camarada me perdoar a interrupção deste seu discurso filosófico, tenho de confessar que estou preocupado com a minha própria segurança e futuro, e o das criancinhas por que sou agora responsável. Os cavalheiros lá têm os vossos assuntos de magnitude multiversal com que se ocupar, mas eu sou o único guardião destes órfãos. Que vamos nós fazer? Para onde podemos nós ir? — Os olhos de Quelch traziam lágrimas. A sua própria situação tinha-o deixado comovido.

A rapariga chamada Previdente riu-se sem reservas dos protestos do Capitão Quelch.

— Não temos falta da vossa guarda, senhor.

O Capitão Quelch fez um sorriso constrangido e tentou agarrá-la.

Após o que o piso do templo desapareceu e todos deram por si numa estrada larga e brilhante, prolongando-se pela multidão multicolor de esferas e planos, esse grande espectro de dimensões inimagináveis, fitando Quelch.

— Eu fico com as crianças, cavalheiro — disse o Conde von Bek. — Tenho uma ideia sobre onde ficarão em segurança e onde poderão aperfeiçoar os seus dons sem interferência.

— O que é que o senhor está a insinuar? — O Capitão Quelch levantou a cabeça como que acusado. — Considere-me insuficientemente responsável... ?

— Os motivos do senhor são suspeitos. — A Previdente voltou a falar, e o seu tom de voz puro pareceu preencher o multiverso. — Desconfio que nos quer apenas para nos comer.

Elric, desconcertado pelas palavras da rapariga, olhou para von Bek, que encolheu os ombros na impotência da dúvida. Decorria um confronto entre a criança e o homem.

— Comer-vos, minha querida? Ha, ha! Sou o velho Capitão Quelch, não sou nenhum ogre canibal.

A estrada branca resplandecia em redor.

Elric sentiu-se frágil e vulnerável ante o olhar daquela multiplicidade de esferas e reinos. Mal era capaz de preservar a saúde mental diante de tantas mudanças súbitas, tanto conhecimento novo. Imaginou o semblante do Capitão Quelch contorcer-se, desaparecer um pouco e surgir então com uma forma bastante diferente, com olhos que lhe recordaram os de Arioach. Ao mesmo tempo que von Bek tomava consciência do facto, Elric apercebeu-se de que tinham sido enganados. Aquela criatura podia mudar de forma!

Sem dúvida um Senhor do Caos que não ficara tão gravemente ferido quanto os outros, que tinha tomado o faro à vitalidade no interior do templo e achado uma forma de entrar. Talvez tenha sido Quelch a sorver a vida ao velho e só não conseguira alimentar-se das crianças porque a rapariga lhe resistira inconscientemente. As crianças aninharam-se à volta dela, formando um círculo compacto. Os seus olhos fitavam intensamente os de um insecto, o verdadeiro rosto da Mosca.

O corpo de Quelch transformava-se agora, tremia, estremecia e estalava, adquirindo a sua forma real e bizarramente barroca, todo ele uma carapaça assimétrica e escamas coruscantes, asas com plumas de bronze, e a mesma pestilência obscena que preencheria o Vale de Xanardwys; como se não pudesse mais preservar a sua forma humana, e tivesse de explodir de volta à forma original, sedento de almas, ansioso por todos os restos de essência mortal para alimentar as veias esvaziadas.

— Se procura escapar à vingança do Conquistador, desengane-se — disse a rapariga. — O senhor já se encontra condenado. Olhe para o que se tornou. Olhe para aquilo de que se ia alimentar para sobreviver. Olhe para o que pretendia destruir—o que em tempos desejou ser. Olhe para tudo isto e lembre-se, Senhor Demónio, que lhe voltou as costas. Não lhe pertence. Não lhe pertencemos. Não se pode alimentar de nós. Aqui somos tão livres e poderosos quanto o senhor. Mas o senhor nunca me enganou, pois é a mim que chamam Previdente e Primeira-da-Espécie e pressinto agora o meu destino, que é viver a minha própria história. Porque é pelas nossas histórias que criamos a realidade do multiverso, e é pela fé que a sustentamos. A sua história está quase findada, ó grande Senhor do Caos...

E, com isto, surpreendeu-se com as gargalhadas trocistas do grande monstro, a única arma que lhe restava contra ela. Estremecia de júbilo mefítico, com grande estrépito e agitação das escamas. Agarrava-se a um triunfo menor.

— Desengane-se antes a Senhora Previdente. Não pertenço ao Caos! Sou inimigo do Caos. Lutei valorosamente, mas fui arrastado por eles quando caíram. O senhor deles não é o meu. Obedeço à grande Singularidade, o Mensageiro da Derradeira Ordem, o Insecto Original. Chamo-me Quelch e sou, rapariga tola, um *Senhor da Lei!* É a minha facção que pretende *abolir* o Caos. Lutamos pelo controlo completo do Equilíbrio Cósmico. Nada menos do que isso. Sou a némesis desses Engenheiros do Caos, desses aventureiros, desses vilões e corsários rebeldes! — Virou a cabeça monstruosa num gesto quase matreiro. — Não vêem quão diferente sou?

Na verdade, Elric e von Bek podiam apenas ver as semelhanças. O Quelch da Lei era de aparência idêntica ao Arioch do Caos. Até os ódios e ambições pareciam semelhantes.

— Por vezes é impossível perceber as diferenças entre

as facções — murmurou von Bek para Elric. — Combatem há tanto tempo que quase se tornaram a mesma coisa. Penso que é a decadência. Desconfio que esteja na altura da Conjunção. — Nada explicou e Elric não sentiu vontade de saber mais.

Lorde Quelch agigantava-se agora diante deles, lambendo constantemente os beiços a reluzir de saliva ígnea, coçando a carapaça cristalina, olhos taciturnos de insecto varrendo os limites do multiverso, quiçá em busca de aliados.

— Posso invocar a Autoridade da Grande Singularidade — disse Lorde Quelch, ufano. — Estão impotentes. Tenho de me alimentar. Tenho de prosseguir com o meu trabalho. Vou agora comer-vos.

Avançou sobre uma pata de réptil, e depois a outra, ao precipitar-se sobre o grupo de crianças, enquanto a Previdente lhe retribuiu o olhar com bravura numa atitude desafiante. Von Bek e Elric interpuseram-se então entre o monstro e as vítimas apetecidas. Tormentífera ainda brilhava com uma res-tia de luz cinzenta-esverdeada da sua feitiçaria branca, ainda murmurava e sussurrava no punho de Elric.

Lorde Quelch virou as atenções para o príncipe albino.

— Levaste o que me pertencia. Sou um Senhor da Lei. O velho tinha o que preciso. Tenho de sobreviver. Tenho de continuar a existir. O destino do multiverso depende de mim. O que é o sacrifício de um punhado de jovens ocultistas comparado com isso? A Lei crê no poder da razão, a medida e controlo de todas as forças naturais, a administração cuidadosa dos nossos recursos. Tenho de continuar a combater o Caos. Em tempos, milhões em êxtase deram a vida pela minha causa.

— Quiçá em tempos a sua causa tenha valido a pena o sacrifício — disse von Bek em voz baixa. — Mas já se derramou demasiado sangue nesta guerra terrível. Aqueles que, de entre vós, se recusam a falar de reconciliação são pouco mais do que selvagens e nada merecem dos restantes, salvo dó e desprezo.

Elric surpreendeu-se com aquela discussão. Nem enquanto lia o grimório mais obscuro do seu povo imaginara que viria a testemunhar tal confrontação entre um mortal e um semideus.

Lorde Quelch voltou a rosnar, mostrando os dentes. Virou mais uma vez os famintos olhos de insecto na direcção das vítimas apetecidas.

— Só uma ou duas, talvez?

Nem Elric, nem von Bek eram necessários para defender as crianças. Quelch encolhia-se ante o olhar fixo da Providente, cada vez mais assustado, como se só agora compreendesse o poder que enfrentava.

— Tenho fome — disse.

— Procure sustento noutro lado, senhor. — A Providente e as crianças continuavam a olhá-lo nos olhos, como que desafiando-o a atacar.

Mas o Senhor da Lei afastou-se, rastejando, pela estrada de luar.

— Quero ser mortal outra vez — disse. — O que viram era a minha forma mortal. Ele ainda existe. Conhecem-no? Las Cascadas? — Parecia uma tentativa patética de apelar à familiaridade, de os conquistar pela simpatia, mas Quelch sabia que fracassara. — Destruiremos o Caos e todos os que lhe obedecem. — Olhou furioso para Elric e para o companheiro. — A Singularidade triunfará sobre a Entropia. A Morte será travada. Aboliremos a Morte em todas as suas formas. Sou Quelch, grande Senhor da Lei. Têm de me obedecer. Pela Causa...

Ao vê-lo afastar-se a galope pelo multiverso naquela estrada de luar comprida e curva, Elric não pôde deixar de sentir alguma pena pela criatura que tinha abandonado todos os ideais, toda a sua fé, todos os princípios morais, com o intuito de sobreviver mais uns séculos, alimentando-se das próprias almas que afirmava proteger.

— Que aflige a criatura, von Bek?

— Não são imortais, mas quase — disse von Bek. — O multiverso não existe no infinito, mas num quase-infinito. Não são paradoxos intencionais. Os nossos grandes arcanjos lutam por controlo do Equilíbrio. Representam duas escolas de pensamento perfeitamente razoáveis que, na verdade, são quase idênticas em crenças e costumes. No entanto, lutam—o Caos contra a Lei, a Entropia contra a Estase—e estes argumentos reflectem-se em todas as nossas histórias mortais, nos nossos quotidianos, e estão ligados de formas profundas e complexas. Sobre tudo isto pende o Equilíbrio Cósmico, ora para um lado, ora para outro, mas sempre acabando por se restabelecer. Uma forma ruínosa de manter o multiverso, poder-se-ia dizer. Penso que o nosso papel será encontrar formas menos

dispendiosas de atingir os mesmos fins, criar Ordem sem perder a criatividade e fecundidade do Caos. Dentro em breve, segundo outros iniciados que encontrei, haverá uma grande Conjunção dos reinos multiversais, um instante de estabilidade máxima, e é nessa altura que a própria natureza da realidade poderá ser mudada.

Elric levou as mãos à cabeça.

— Senhor! Rogo-lhe que pare! Aqui estou eu, no meio de um reino astral, prestes a pisar o luar em direcção ao quase-infinito, e tudo em mim, físico e espiritual, me diz que estou irremediavelmente louco.

— Não — disse Renark von Bek. — O que contempla é o derradeiro estado de saúde mental, a derradeira variedade, e aquiçá a derradeira ordem. Venha daí, levo-o a casa.

Von Bek voltou-se para as crianças e dirigiu-se à Previdente.

— Deseja escolta militar, minha senhora?

O sorriso dela era tranquilo.

— Creio que as espadas já não me fazem falta. Por enquanto. Mas fico-lhe grata, senhor.

Já se afastava com o seu rebanho, pela curva íngreme do luar, em direcção à névoa da luz salpicada de azul.

— Obrigada pela canção, Príncipe Elric. Um dia será recompensado. Mas julgo que não se recordará de a ter cantado, de nos ter trazido o Graal aos três, que somos, aquiçá, seus guardiões e beneficiários. Foi a espada que encontrou o Graal e o Graal que nos indicou o caminho. Obrigada. O senhor afirma não ser um dos justos, mas penso que, sem o saber, faz parte da companhia. Adeus.

— Para onde vai, Previdente? — perguntou o lorde melnibonês.

— Procuo uma galáxia chamada A Rosa, cujos planetas formam um grandioso jardim. Observei-a numa visão. Seremos as primeiras criaturas humanas a povoá-la, se nos aceitar.

— Boa sorte, minha senhora — disse o Conde Renark com uma vénia.

— Também para o senhor, que participa no grande Jogo do Tempo. Boa sorte a ambos. — A criança voltou então costas e conduziu o rebanho fatigado ao seu destino.

— Não será capaz de ver as possibilidades? — Von Bek

procurava ainda tentar Elric a juntar-se à Causa. — A variedade—toda a curiosidade satisfeita—e novas curiosidades estimuladas? Caro Elric, estou a oferecer-lhe o quase-infinito do multiverso, do Primeiro e do Segundo Éter, e a vida emocionante de um *mukhamir* experimentado, um participante no grande Jogo.

— Sou péssimo jogador. — Como que temendo não se recordar delas, Elric absorveu as maravilhas que o rodeavam: o multiverso sobrelotado, em constante turbilhão, em constante mutação; reinos de realidade a perder de vista, a maior parte dos quais entrevedo apenas ligeiramente a grande ordem na qual desempenhavam o seu minúsculo, mas jamais insignificante, papel. Olhou para a névoa a seus pés, que parecia ter a firmeza de aço imrriano três vezes temperado, e admirou-se com os paradoxos, os conflitos de lógica. Era quase impossível apreender tudo aquilo, salvo uma sugestão do seu significado. Compreendia, ainda assim, que todas as acções levadas a cabo nos reinos mortais se repetiam e ecoavam nos sobrenaturais e vice-versa. Todas as acções de todas as criaturas existentes tinham significado, importância e consequência.

— Certa vez, assisti a uma batalha entre arcanjos e dragões — dizia von Bek, enquanto conduzia o albino lentamente pela estrada de luar até onde se cruzava com outra. — Vamos por aqui.

— Como sabe onde está? Como se medem aqui o tempo e a distância? — Elric encontrava-se reduzido a perguntas quase infantis. Compreendia agora o que os seus grimórios tinham deixado apenas entrever, incapazes ou relutantes em descrever aquela superrealidade. No entanto, era incapaz de culpar os antepassados pelo fracasso. O multiverso desafiava todas as descrições. Na verdade, apenas se podia entrever. Não havia linguagem, nem lógica, nem experiência capazes de conter aquela terrível e arrebatadora realidade.

— Viajamos de maneiras e por instintos diferentes — garantiu-lhe von Bek. — Junte-se a nós, e aprenderá a navegar não só o Primeiro Éter, mas o Segundo também.

— O Conde Renark concordou em guiar-me de volta ao meu reino. — Elric sentia-se lisonjeado pelas tentativas daquele estranho em recrutá-lo.

Von Bek deu uma palmadinha nas costas do companheiro.

— Pois bem.

Avançaram em marcha soldadesca pelas estradas de luar. Elric teve vislumbres de mundos, paisagens, vistas, cheiros e sons familiares, panoramas completamente alienígenas, aparentemente de forma aleatória. Por instantes, sentiu que perdia o juízo e, ao caminhar, as lágrimas escorreram-lhe pelas faces. Chorava uma perda que não era capaz de recordar. Chorava por uma mãe que não conhecera e um pai que se recusara a conhecê-lo. Chorava por todos aqueles que tinham sofrido e continuariam a sofrer nas guerras inúteis que varriam o seu mundo e a maior parte dos outros. Chorava num misto de autocomiseração e compaixão que abraçava o multiverso. E uma sensação de paz caiu então sobre ele.

Tinha ainda a Tormentífera na mão, desembainhada. Não queria embainhar a espada até que o último resquício daquela estranha luz da Lei se esvaísse dela. Naquele instante, compreendeu como não era simples o conflito que o dividia entre a lealdade ao Caos e o desejo pela Lei, e que talvez nunca viesse a ser resolvido. Talvez não houvesse necessidade de o resolver. Ou talvez pudesse, por outro lado, haver reconciliação.

Caminharam entre os mundos.

Caminharam quilómetros intemporais, por um caminho e depois outro, pela grande rede prateada de estradas de luar, enquanto que, por todo o lado, o multiverso florescia, deformava-se, entrava em erupção e resplandecia, milhões de mundos em evolução, milhões de mundos em decadência, e incontáveis milhares de milhões de almas mortais, plenas de aspirações e desespero, em conversa íntima, em voz baixa, da qual só uma das partes se viria a recordar. Elric teve por vezes a impressão de que ele e o Conde von Bek eram a mesma pessoa, ambos ecos de um original perdido.

E tiveram por vezes a impressão de estarem para sempre livres das limitações do tempo e do espaço, dos assuntos urgentes dos humanos, livres de explorar toda a maravilhosa abstracção, o incrível aspecto físico daquela suprarrealidade que podiam explorar com sentidos também transformados e em harmonia com os novos estímulos. Reconciliaram-se com a ideia de que os seus corpos desapareceriam aos poucos e que o espírito se juntaria à substância do multiverso, encontraria verdadeira imortalidade enquanto fragmento de uma lenda, a sugestão de um mito, um cunho na história eterna do cosmos,

que é talvez o melhor que possamos vir a conhecer—o facto de termos participado, não importa em que medida, nesse grande jogo, o glorioso Jogo do Tempo...